

M:33



2.797
52



DOUTOR ANTONIO ZEPHERINO CANDIDO
POSITIVISTA

(Segundo uma photographia dos Srs. Carneiro & Tavares)

Um bello talento, um professor notabilissimo, e, acima de tudo, um homem que corajosamente se dedica á instrucção e educação dos pobres: propagador da *Cartilha maternal*, de João de Deus.



Agradecemos a offerta de exemplares das publicações:

Contos da minha lavra, por Alberto Braga. — Chegamos de Coimbra um bello volume de contos, escriptos no genero das *Novellas do Minho*, do Sr. Camillo Castello-Branco. Fallece ao auctor originalidade; mas o seu estylo é correcto e elegante.

Bibliotheca economica, ns. 55, 56, 57 e 58. — São muito interessantes os romances que esta popular bibliotheca está publicando presentemente: *Maroussia*, de P. J. Stahl, e *Os grillhetas*, de P. Zaccone.

O vulgarizador, n. 25. — Além de varios artigos sobre commercio, industria e artes, traz este numero um curioso artigo sobre instrucção publica.

A lanterna, por Alberto de Carvalho, n. 1, III serie.

No me olvides, habanera, de J. M. Guelbenzu. — Publicada pelo Imperial estabelecimento de Narciso & Comp.^a

O numero 20 do *Occidente*. — Hoje não ha uma só chapa para elle.

A Polka habanera — Sarah — do Sr. A. J. de Macedo Soares. Tem um sustenido na 5.^a linha na clave de sol, e outro na 4.^a na clave de fá.

Agradecemos á directoria da Caixa de Soccorros de D. Pedro V o convite para a missa solemne mandada celebrar na igreja de S. Francisco de Paula, em commemoração do infausto passamento do Sr. rei D. Pedro V.

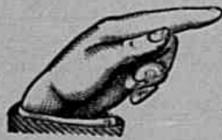
A' direcção do Alcazar o convite para assistir á representação da opera-comica *Les brigands*.

O convite para a inauguração do salão Arthur Napoleão & Miguez. O producto do concerto será entregue ao irmão Ignacio, para os asylos do Dr. Ibiapina.

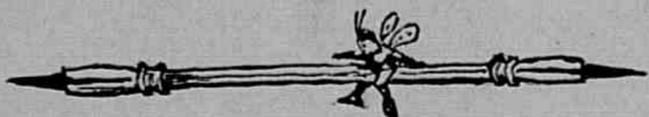
O estimado actor Graça faz beneficio no theatro S. Luiz, sexta-feira 22 do corrente, com a *Morgadinha de Val-flôr*, desempenhando o papel de Capitão-mór.

Entregou-nos o beneficiado 30 galerias, que estão á disposição do publico em nosso escriptorio.

O producto d'estes bilhetes é generosamente concedido pelo beneficiado ás casas de caridade do Padre Ibiapina.



Pedimos aos nossos assignantes em atrazo o obsequio de mandarem satisfazer as suas assignaturas vencidas em 30 de setembro proximo passado.



O Doutor Zepherino Candido.

Damos hoje no nosso numero o retrato do Doutor Zepherino Candido; não está este modo de proceder, muito nos nossos habitos; entretanto abrimos uma vez como excepção o precedente de darmos retratos e o temos feito porque o dever da consciencia assim nos dita.

O Doutor Zepherino Candido nos merece muito para nos esquivarmos daquelle dever; por isso que, quando não fossem notaveis os seus meritos, foi elle quem com a abnegação apostolica nos veio trazer um supremo bem — um methodo que ensina a ler.

Ao poder executivo

Ex.^{mo} Sr.

Não olhe V. Ex.^a com os olhos vesgos á justiça para estas simples linhas: ellas não traduzem uma censura, dão fórma a um applauso.

V. Ex.^a entendeu e entendeu muito bem que não deve andar muito ás carreiras e que o estado não é nenhum cavallo de ordenança para ser obrigado ao galope. O estado não póde sahir do chôto pacato do systema representativo; o contrario seria esfalfal-o e, até mais, — seria matal-o.

Para chegar a esta conclusão V. Ex.^a foi porém ouvir o conselho de estado, que symbolisa a prudencia, a reflexão, e o constitucionalismo do conselheiro Accacio. A conclusão de V. Ex.^a não nos admirou, mas fez-nos entretanto pensar que á necessidade da consulta precedeu um pensamento de possibilidade revolucionaria ou evolucionaria no poder executivo.

Este facto, muito simples aparentemente, adquire aos olhos da meditação um grande alcance e, até, toma as formidaveis proporções de um attentado.

Quem deu ao poder executivo o direito de pensar em desarranjar a Constituição, alterando aquella fórma que lhe deram os patriarchas da independencia?

Ha duas cousas que são de sua natureza inviolaveis, duas unicas encarnações do *noli me tangere*: uma é a palavra dos nossos pais, outra é a corôa.

Assim como o poder executivo, por mais phantasta que fosse, não podia arrogar-se o direito de modificar a configuração da corôa, pela mesma razão não póde alterar uma unica virgula no que está escripto no pacto fundamental.

Entendamo nos.

O poder executivo, quando quer fazer cara de amar ás idéas que pairam na atmospher mental da epocha, é tão ridiculo como um velho que se caracteriza, que enche as rugas das faces, pinta os cabellos e aperta os joanetes em sapatinhos de bico fino.

A monarchia toma ares de velha loureira, um quê da Sr.^a Julianna, com *chignon* de retroz velho, zelosa das botinas, batendo as saias com muita gomma.

Cada natureza tem as suas limitações: a creação do Dr. Fausto, não é o mesmo que dar cantharidas a um velho; é uma idade que surge:

a velhice do preconceito que cede o passo á mocidade do amor. Por isso mesmo o Dr. Fausto não é ridiculo, e pelo contrario, é sublime.

O poder executivo, porém, não está no mesmo caso. O poder executivo precisa de vencer-se de que tem uma calva enorme, que está sempre á amostra; já não possui mais do que um dente com que morde o orçamento, tem quebreira da espinha, e o seu destino — o unico destino razoavel e logico, é morrer de velho, brincando com uma boneca e levando o excesso da caduquice a esfregar a mão em toda a molhadella que vir no chão da monarchia.

Tudo o mais que lhe disserem é mentira, tudo o mais que fôr pensado pelo poder executivo, fóra das restricções que lhe fizemos, é falso.

Não queira correr; o chôto pacato é o que lhe assenta; o mais é historia, sugestão de opposicionistas, da cafila que tudo quer ver por terra, que á herança constitucional de nossos pais dá combate tão forte como ao rheumatismo, á asthma, á gotta que elles lhe tenham legado.

Assim pois, damos um bravo sincero ao poder executivo, que entende, em boa hora, não convocar constituinte; o caso não é para tanto. Se estivesse em nossas mãos o poder de Caligula, nós com toda a satisfação intima e em signal de reconhecimento, — de cada um dos Srs. membros do poder executivo fariamos um consul, com a competente moradia de marmore.

Pelo *Besouro*
Zé.

A' procura de Alphonsine



Bazilio entrou de ha quinze dias a esta parte a ficar triste; encostava-se sobre a saccada com os olhos mortos, humidos e meios cerrados, perdera aquella agilidade, aquella viveza de azougue e de criança traquina, e desplacente olha moroso para os que pas-am, para a taboleta da loja «Atalaia» com o seu enorme olho branco pintado no fundo *marron*, para a salla deserta, escura e silenciosa dos dezoito bilhares, e depois volta-se para nós e interroga com aquelle mesmo olhar triste e como quem faz uma pergunta a si mesmo:

— O' Deus! o que se passa dentro de mim? e segue-se um silencio, que é perturbado pelos tiros ao alvo na salla do mestre Mathieu.

O Bazilio sentiu a nostalgia do infinito, uma nuvem methaphysica obscura, impossivel passa-lhe pelos olhos, elle os fecha arrastando luxuosamente a corrente, que tem pela cintura, diz:

— Diabo onde está a Alphonsine?

Precisamos de uma para o Bazilio, a natureza a reclama na sua phrase immortal e pilherica. Mesmo porque é assim que elle costuma fazer os seus reclamos.

X.

Pedimos venia...

..... ao *Occidente* ultimo, para desencastoar da *Chronica Occidental* a seguinte poesia de Guerra Junqueiro:

NA VARETA DE UM LEQUE

No Eden uma vez, era de madrugada,
Andava n'uma roza uma vespa doirada.

Satanaz, como sahe da concha um caracol,
Tenebrozo e escorrendo em purpuras de sol,
Sahiu alegremente, a rir, dentre o arvoredado;
Chegou-se ao pé de Deus e disse-lhe um segredo
Em voz baixa ao ouvido.

Isto foi na manhã,
Em que Eva devorou a celebre maçã.
E Deus disse ao demonio:

— O' brejeiro é preciso
Dar armas á mulher para que o homem peque.

E Jeohavah da roza então fez-lhe um sorriso
E das azas da vespa o diabo fez-lhe um leque.

Canções romanticas

POESIAS DE ALBERTO DE OLIVEIRA.



Vimos hoje saldar a divida, que contrahimos, em o numero passado, com o publico e o auctor das *Canções romanticas*.

Devemos inteira verdade a ambos: ao publico pelo quanto nos merece; ao poeta pelo seu talento, pelo seu trabalho, pelas grandes luctas obscuras que teve necessariamente de sustentar com o desdem dos maus, com a malquerença dos parvos, com a sua propria consciencia, antes de se decidir a atirar um livro de versos ao meio do mercantilismo prospero e anafado d'esta nossa sociedade.

Fazemos, pois, como os alfaiates da rua do Hospicio: penduramos aqui uma opinião feita, que o leitor pôde aceitar, ou recusar, se por acaso fôr pechoso e exigente.

Assim, temos para nós que Alberto de Oliveira não só se revelou poeta, mas poeta com originalidade, com senso commum, com etymologia, com prosodia, com syntaxe e com orthographia.

A muitos bardos de cabelleira piolhosa, convenhamos, fallecem algumas d'estas qualidades, quando não fallecem todas.

Demais, agora que toda a gente se proclama realista, é para admirar vir a publico um poeta lyrico que não enfastia, que não é ridiculo; mas que ao contrario logra captivar-nos a attenção e namorar-nos a vontade.

A sua natureza poetica deriva em linha recta das de João de Deus e Anthero de Quental: do primeiro pela cuidada singeleza e artificiosa naturalidade; do ultimo pelo germanismo, pelo vago, pela sombra, pelo mysterio, pelo excesso de idealidade.

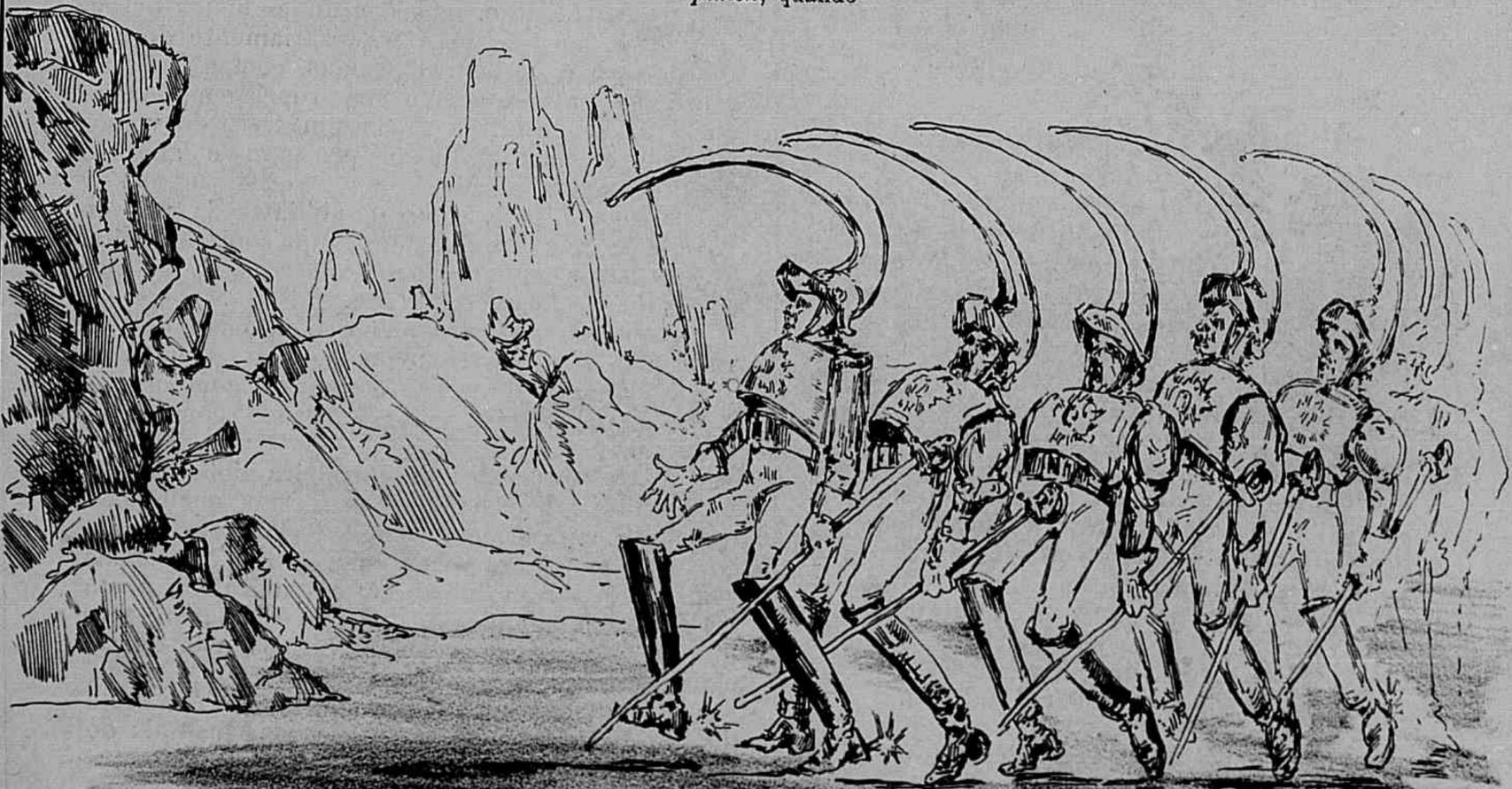
Alberto de Oliveira tem alguns versos, poucos, que eu, não obstante todos os meus esforços e toda a minha boa vontade, não chego a entender, como, por exemplificar, este do bellissimo *Mez de outubro*:

A luz sarjava o ar de um sentimento rubro.

THEATROLOGIA ILLUSTRISSIMA.
ALCAZAR. — *Les brigands.*



E' no meio das montanhas e dos *despenhadeiros* que elles cantam e bebem alegremente
punch, quando



BONDALLO PINHEIRO

Nous sommes les carabiniers,
La securité des foyers ;
Mais par un malheureux hazard,
Au secours des particuliers
Nous arrivons toujours trop tard.
Toujours... trop... tard...
Toujours... trop... tard,
Trop... tard,
Trop... tard.

Francamente: não se parece com a comissão de inquerito da Camara Municipal? Toujours... trop tard, trop... tard'

Trop tard

AO PARTIDO CONSERVADOR... E OUTROS.

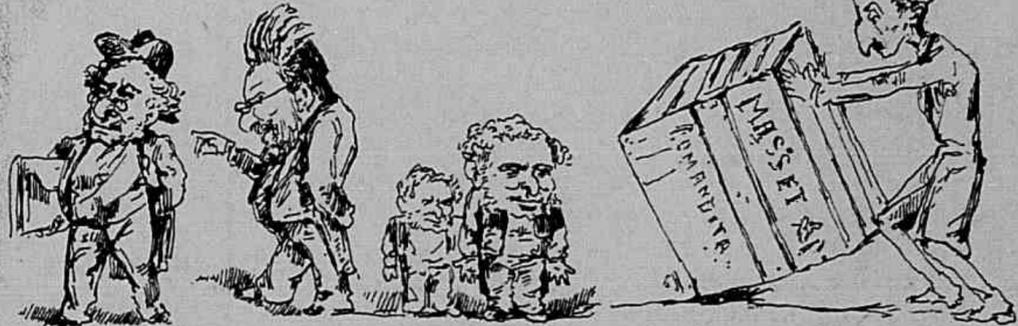
Damos-lhe de graça esta receita para o desinguiçar: já veem que não somos indiferentes á sua espinhella cahida, apesar de não sermos *mulher de virtude*. Lá vae a receita:



PARA QUE SECA E RESECO
TUDO PARA TODA A NOITE... AMEM

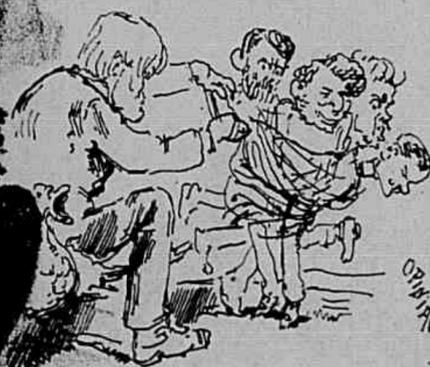
Desacanhár em nove dias com uma cruz bemzida.

Benzer e dizer:

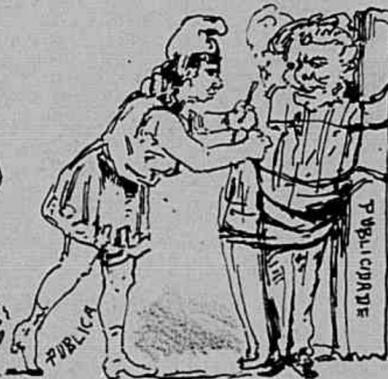


Deus te desinveja de quem te invejou.

Deus te desacanche de quem te acanhou.



Deus te desenleie de quem te enleiou.



Deus te desamarre de quem te amarrou;
Deus te desate de quem te atou.



Deus detalhe todos os quebrantos e máus olhados de quem t'os vota

pragas pregadas e juradas e protestadas tudo esconjuro para o mar coalhado, para onde não haja gallinha nem gallo; tudo esconjuro para o mar coalhado.



Em louvor de S. Silvestre, quanto eu faço tudo preste;

em louvor de S. Cosme, donde o mal veio para lá torne.
Pelo poder de Deus, de S. Pedro e da Virgem Maria, P. N. A. M.

Receitas:

Defumadouros por nove dias. — Mel, esteva, arruda, galva, pellica, incenso, enxofre, mirrha, sal virgem, azeite da alampada do Senhor. Os crescimos dos defumadouros serão deitados na agua corrente, dizendo: « Assim como o sol nasce na serra e se põe no mar, assim este mal lá va parar. » Deve deitar-se isto para traz das costas e não olhar para traz.

Emplastro para o estomago. — Enxundia de gallinha, farinha de trigo, ovo, mel, tudo pisado e posto no estomago.

Emplastro para o ventre. — Sebo de carneiro negro, ervas de muro, enxundia de gallinha, unto sem sal deitado em lan por lavar.

Fricções para as pernas, costas e braços. — Aguardente camphorada, oleo de amendoas doces, espirito da vida.



E o Conselho de Estado? Não fez com a grande naturalização o que nós costumamos fazer com certos typos? Não a pôz á margem? Quiz deixar a Constituição de espinhella cahida, coit-da! Afinal todos precisamos, todos nós, estamos com tal doença.

QUE MAIS É QUE LHE DOE?

Excepto o actor Graça que, além d'esta receita, para levantar o quebranto, o *enguiço* e a espinhella, tem uma outra que executará no dia 22; se querem curar-se é verem como o Graça é engraçado no Capitão-mór da *Morgadinha*. E' effectivamente muito engraçado este Graça, e *desacanha* a gente.

ABENÇOADO SEJAS TU FILHO DO LUNDU

SUPRALA PINHEIRO

Não seja isto ostaculo para eu não comprimentar o arraes do barco, e dar-lhe os parabens por etc. e tal...

E notem que já não fallo n'aquelle *sentimento rubro*, pois cuido ser permittida ao poeta a liberdade de empregar os qualificativos que melhor lhe parecerem.

Visto que ha *sonhos côr de rosa, idéas negras, idéas azues* e outros, muito naturalmente tambem póde haver *sentimentos rubros, amarellados e côr de café*.

A sua metrificacão, inda que não haja attingido o gráu de perfeicão e a mathematica implacavel e impeccavel dos processos mechanicos de Theophilo Dias, é todavia das melhores, das mais variadas, das mais correntes.

A *Apparição nas aguas*, a composiçãõ mais perfeita das *Canções romanticas*, lembra, dirão, *A bacchante*, de Theophilo Braga.

Não o nego; mas eu prefiro a todo o poema de Th. Braga esses poucos versos de Alberto de Oliveira, o ultimo talvez dos nossos lyricos, com a sua grandiosa synthese da volupia, a descompassada hyperbole da sensualidade, que ficaria melhor em Ch. Beaudelaire:

Que apparição de luz! Em breve, em breve
Vaes n'agua fluctuar!
Ah! que as ondas, cruel! não sejam labios,
E eu não seja o mar!

A' vista, pois, do expendido, e outras boas partes que concorrem na pessõa do nosso auctor, sou de opiniãõ que o Instituto Historico lance na acta de suas sessões um voto de louvor ao joven estreante, e que o sabio governo de S. M. o Imperador conceda ao sr. Alberto de Oliveira o habito da Rosa—afim de que o poeta não produza mais nada.

Nós, pela nossa parte, limitamo-nos a enviar-lhe muito saudar.

DOM BIBAS.

No lyceu

Quando o Dr. Domingos Freire terminou a sua conferencia no dia 13 no lyceu sobre a agua ardente e a cerveja os alumnos sahiram d'alli cambaleando de somno.

RIB.

Uma chronica



reguas, treguas! eis o que diziam os classicos espiritos, que frequentavam as filas da opera.....

A questãõ Mariani-Pozzoni vae ser archivada e registrada entre os factos da tolice publica, ao lado dos entrelinhados tolos que recheiavam os ineditoriaes. O theatro lyrico fechou a porta e dizem que a companhia vae embarcar, provando assim que nem sempre é certo o dictado: festa acabada, musicos a pé.

*

Agora, quando os nossos netos forem peralvilhar alli para aquellas cadeiras, assestando os dous canos do binoculo para as deidades dos camarotes, contemo-lhes aquella historia; e como

quem conta um conto accrescenta um ponto, accrescentemos mais um ás notas do tenor Tamagno, quando fallarmos d'elle; mais dous á gordura da prima dona Pozzoni, quatro á da prima dona Marianni, outros tantos nos saltos da Sr.^a Repeto, e diga-se, já que se falla em pontos, que os olhos da Sr.^a Bianchi Fiori alumiam o ponto como disse aquelle apaixonado folhetenista do já muito extincto *Diario do Rio de Janeiro*.

Agora temos algumas historias que em vez de pontos é bom deitar os... pontinhos.

*

O facto mais engraçado, durante toda a estacão lyrica, foi um senhor da lettra G, que confundia o tenor Tamagno com o maestro Bassi e, quando o censuravam, dizia:

— O que quer? acostumei-me a encaral-os assim, e venho aqui tantas vezes...

Era o meio que tinha de provar o seu diletantismo.

Dizem que o Sr. ministro do Imperio vae revogar a cremação, e correndo este boato em diversos circulos chegou á assembléa provincial, onde S. Ex.^a conta affeiçoados. O pezar foi enorme; diziam elles:

— Ora eu que já me havia...

— O que homem?

— Cremado.

Si ao menos fossem em honra ao Sr. visconde de Prados em algum fogo de vistas...

*

E por fallar no Ex.^{mo} presidente não posso deixar de notar o modo porque a *salinha* o trata.

Na sessão de 31 de outubro, o deputado Abreu Lima n'um repto oratorio disse que o Sr. visconde de Prados foi a manivella do partido liberal.

Não sei, deante do termo, se manifestar a minha adhesão á S. Ex.^a ou se lastimal-o, por haver servido de tanto ou de tão pouco ao seu partido.

O que resta a crêr, é se o partido liberal servio-se de S. Ex.^a como tal, pelo menos com proveito. O deputado Abreu Lima devia vir dizer da sua tribuna.

Talvez fosse n'isso a salvacão da patria.

JULIÃO.

Surrexit

Temos o summo prazer de prevenir os leitores da reaparição do *Apostolo*. Phenix mystica ressuscitou dos seus typos e da sua tinta de impressãõ, prevenindo que a sua assignatura é paga adiantada, e que se publica ás quartas e sextas-feiras e aos domingos; isto é dous dias em que a igreja manda fazer o jejum e o dia em que ella permite o regabofe.

Assim pois acreditamos que o *Apostolo* será mais lido nas quartas e sextas-feiras, sempre é penitencia, que acompanha o jejum.

Y. Z.

Ao Caetano-vate.



uma das noites da semana passada, foi visto na Phenix o vate-Caetano a applaudir, com quanta força tinha, a sua *Mangerona*.

Ora, poeta, isto indignou-nos; bem sabemos que a peça é má e não se pôde conservar por muito mais tempo em scena; mas emfim, para te prestarmos um favor,

si queres, vamos lá representar de *claque*, e berrar:

- A' scena o vate-Caetano!
- O *Folhagens!*
- O Caetano-vate!
- O *Mangerona!*
- O vate-*Folhagens!*
- O *Folhagens-vate!*
- O *Mangerona-vate!*
- O *Folhagens-Mangerona!*
- O *Mangerona-Folhagens!*

Toma o nosso conselho, *Folhagens-vate-Caetano-Mangerona*.

L. J.

Na noite da estreia da companhia franceza notava-se:

A um canto uma porção de commendadores, que desfolhavam os rizos pegados com a ponta dos labios, mastigando charutos e cuspindo phrazes compactas.

Um pouco de jornalismo, que se parecia com os commendadores; sorriam os jornalistas,

Uma duzia de mulheres nostalgicas e amarellas como os môlhos de manteiga, esguias como aspargos,

Uma alluvião de peralvilhos, um conselheiro Accacio, uma porção de homens casados, e poucos que iam alli para se tornarem,

No mais havia o bilheteiro na porta e o Sr. *Jeune Homme* que ensinava o regulamento da casa, e dizia que alli era o Alcazar!

Esteve divertido.

No proximo numero faremos a critica musical

FETIS, MERIM.

Noticiario

redacção do *Besouro* faz orações a Deus para que lhe conserve a robustez da saude, e estimará que os seus leitores possam fazel-as—á razão da mesma.

A companhia do maestro *Ferrari* ferra brevemente as velas aos applausos publicos e vai-se.

Deixa muitas saudades aos floristas, principalmente, porque vai diminuir-lhes a fregue-

zia das flôres que dizem uns tantos segredos aos tenores, ás prima-donas ligeiras e contraltos. Tudo no mundo fenece.

*

A *Reforma* acaba de perder a collaboração de Freitas *biscoitinho*, um dos laços de parentesco d'aquella folha com o poder executivo.

Tamanha desgraça sobrevinda á *Reforma* fez diminuir o numero dos seus leitores e da sua tiragem. Perdeu a *Reforma* tudo isto: Freitas *biscoitinho*, Freitas *biscunhado*, Freitas *duplo*, Freitas *double*, Freitas a duas amarras, Freitas de dois partidos, Freitas duplicata.

Consta que aumentará sempre aos pares a retirada dos Freitas para longe do Sr. Philadelpho.

*

O ministerio não quer que se trate agora da grande nacionalisação. Gorou, portanto, a candidatura do poeta Peneda, o grande Cagliostro, para a pasta de estrangeiros, em substituição do Sr. Villa Bella.

*

Corre com muita instancia que o Sr. João de Almeida, do *Cruzeiro*, vai ser nomeado administrador das capatazias.

A indicação foi devida ao Sr. Hudson que o apresentou ao ministerio como capataz dos *reporters* discretos.

*

O vate Caetano tem aqui no escriptorio da redacção uma carta que lhe foi dirigida, e que por engano abrimol-a.

A carta é do seguinte theor:

Illm. Sr.

Eu fui e tenho sido do numero dos que tem dado palmas á sua peça, e por isso espero ser contemplado no numero... dos felizes. Não exijo muito: quero apenas que me compre um quarto de loteria, e pague-me um jantar no Console.

Seu principal admirador,
Castro, (vulgo) *Urso*.

*

A Historia de Portugal falla em Nun'Alvares o condestavel terrivel na batalha; as *folhagens* de Caetano fizeram apparecer entre nós um Nun'Alvares incontestavel, e unico bom critico para obras iguaes.

Pena foi que o illustre Nun'Alvares só se occupasse das *folhagens* pela rama, deixando assim de dizer-nos a que escola os versos de Caetano prendem a raiz... do queijo.

*

Proseguem com toda a regularidade os trabalhos da estrada da Leopoldina, e o rio Doce apenas serviu para lançar um rio de biles no estomago do Sr. Silveira Lobo.

Ficou provado que o ministerio não se afoga: faz cousa diversa—nada.

*

Este noticiario sensaborão não é assignado pelo noticiario

KARLO MELLO

P. S. — Vai ser dado ao prélo um livro collaborado pelos Srs. Pereira Roças e Caetano vate escrivão. O publico poderá assim julgar qual dos dois poetas é o maior.

K. MELLO.

DESPEDIDA DA COMPANHIA LYRICA DO MAESTRO FERRARI.



Fogem os sagrados penhores do nosso entusiasmo artistico, deixando em troca o publico muito *penhorado* — em casa do Samuel, Braz, Paiva, Figueira e outros judeus.

Um abraço ao Ferrari, e que volte de pressa, a bem de Braz... a bem de Paiva... a bem... de nossos ouvidos e de nossa educação artistica.

Sobre a chave de ouro com que Ferrari fechou a sua época lyrica choram os Anabaptistas, como nós, que de casaca preta se isolaram durante duas series de opera (para alguns uma) com o fim de propagarem uma idéa de limpeza que infelizmente não achou proselytos. Esperemos pelo propheta do anno que vêm e A rivedervi, illustres maestros e artistas.